

“... nunca [...] plenamente maduro, nem nas idéias nem no estilo, mas sempre verde, incompleto, experimental.”

Gilberto Freyre *Tempo morto e outros tempos*, 1926.

As palavras de Gilberto Freyre evidenciam o caráter e a essência da matéria artística. Há séculos o homem se angustia com o seu estar no mundo e a representação disso se dá pela produção, pelo arranjo convincente dos elementos compositores do mosaico que irá gerar um imaginário social. A palavra, o silêncio e a imagem se complementam, erguendo-se soberanos ainda que gerados por este sentimento de incompletude, de desabilitação existencial. Os Tempos se consomem e se perpetuam dentro de sua imaturidade e geram e erosionam os anseios, as nações e as referências.

A desarmonia humana se utiliza da arte no intento utópico de totalidade e faz dela um objeto de estudo em constante transformação. A liquidez do homem pós-moderno, ao mesmo tempo que pulveriza sua identidade, impulsiona a Academia a resgatar vozes silenciadas pela História elevando o sujeito social de uma posição de afonia dramática a um patamar de audiabilidade histórica.

A reunião de artigos aqui apresentada retrata parte das preocupações teóricas que movem os pesquisadores de nosso Estado e revela sua busca constante de espaço às minorias silenciadas. Retrata também a diversidade dos caminhos que a pesquisa e a crítica vêm tomando em nosso continente. Ela revela o anseio comum em amarrar os fios da história tecida pelo intuito cego de homogeneidade entre os discursos calcados no tempo que passa desabitado e irredundável se o sujeito histórico negar-se a habitá-lo com suas angustias, seus anseios e desejos.

É a partir daí que as vozes que se entrecruzam nesta publicação não buscam soluções conceituais, se pensarmos em Bachelard, mas a relativização provocativa - função primeira do crítico das manifestações artístico-culturais que são construídas ao largo da história da humanidade.

Os organizadores.